

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



(Disponível em: [istockphoto.com/br](https://www.istockphoto.com/br).
Acesso em: outubro de 2017)

Objetivos de aprendizagem:

- Compreender as razões que levaram à eclosão da Segunda Guerra Mundial;
- Destacar a importância de alguns episódios vivenciados no contexto da Guerra, dentre os quais a Batalha de Stalingrado e o lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki;
- Destacar a criação da FEB e a participação do Brasil na Segunda Guerra;
- Analisar a política racial nazista e suas consequências para os grupos considerados indesejáveis.

1) A formação do eixo e sua política expansionista

As consequências desastrosas da Primeira Guerra e da Crise de 29 prepararam o terreno para o desenvolvimento de regimes totalitários, caracterizados pelo expansionismo e pela luta contra o comunismo. Nesse sentido, os governos fascistas da Itália e da Alemanha chegaram a formar, em 1936, uma aliança (Eixo Roma-Berlim), fortalecida durante a Guerra Civil Espanhola (1936-39).

Preocupados com o avanço do comunismo, estimulado pelo desenvolvimento econômico da URSS, os países do Eixo se uniram ao governo autoritário do Império do Japão, através do *Pacto Antikomintern*, a fim de combater a propagação da ideologia comunista e fortalecer a política expansionista destes países. Essa decisão comprovou o fracasso da Liga das Nações, organização criada após a Primeira Guerra e encarregada de cuidar da paz mundial.

O governo alemão, chefiado por Adolf Hitler, desrespeitava abertamente os princípios contidos no Tratado de Versalhes, anexando territórios vizinhos e investindo na militarização. Inicialmente, no entanto, Inglaterra e França não contestaram sua política expansionista, pois ao mesmo tempo em que temiam a eclosão de um novo grandioso conflito, viam na ofensiva alemã, ferozmente anticomunista, uma possibilidade de derrotar o socialismo soviético. Hitler, no entanto, não pretendia dominar apenas a URSS e sim toda a Europa. Esse desenfreado expansionismo alemão foi a causa principal para o início da guerra.

O expansionismo japonês já havia sido iniciado em 1931, com a invasão da Manchúria, região localizada no norte da China, rica em minerais. Já o começo da ofensiva italiana foi marcado pela dominação da Abissínia (atual Etiópia), em 1936. Hitler, por sua vez, tinha pretensões muito mais audaciosas. Depois de recuperar alguns territórios perdidos ao final da Primeira Guerra, deu início à concretização do seu sonho de construir o *III Reich* e reunir os povos de origem germânica, começando pelos austríacos, cujo território foi invadido e dominado pelos nazistas em 1938. A união entre a Áustria, onde Hitler nasceu, e a Ale-

manha era um objetivo antigo do *Führer*, apoiado por grande parte da população de ambos os países e expressamente proibido pelo Tratado de Versalhes.



Austríacos comemoram a união do seu país com a Alemanha.

O próximo passo de Hitler foi exigir a incorporação dos Sudetos, uma região da Tchecoslováquia que no passado havia pertencido ao Império Austríaco e era formada, em sua maioria, por alemães. Para solucionar a questão, os governos da França e da Inglaterra se reuniram com o ditador nazista na **Conferência de Munique** (1938) onde autorizaram a invasão do frágil país, que nem ao menos teve o direito de opinar. Através dessa estratégia, chamada de **política de apaziguamento**, tentava-se evitar um conflito geral.

PRATICANDO

1) Que países realizaram o *Pacto Antikomintern*?

2) Invasão da Polônia: o início da guerra

Depois de anexar os Sudetos, a Alemanha ocupou toda a Tchecoslováquia e, motivada pela hesitação das potências antifascistas, passou a planejar o ataque à Polônia. A URSS, por sua vez, temendo a avanço nazista para o leste europeu, impressionou o mundo ao assinar com a Alemanha o **Pacto de não agressão germano-soviético** no qual os dois países se comprometiam a não se enfrentarem caso houvesse uma guerra na Europa. Além disso, havia nesse acordo uma

cláusula secreta a qual determinava a divisão da Polônia, ficando a parte ocidental para a Alemanha, enquanto a parte oriental, assim como os países baixos (Letônia, Estônia e Lituânia), passariam para o domínio soviético, contendo, assim, o expansionismo nazista na região. Na verdade, o pacto foi assinado como uma medida para ganhar tempo no sentido de se prepararem para um confronto que o chefe nazista e o líder comunista sabiam que era inevitável.



Charge ironiza a aliança entre Hitler e Stálin.

A partir do acordo, o governo alemão se viu livre para invadir a Polônia e dominar o corredor polonês, região onde estava localizado o porto de Dantzig e que permitia o acesso do país ao mar. Essa faixa de terra havia sido tomada dos alemães e entregue aos poloneses pelo Tratado de Versalhes. Desse modo, a França e a Inglaterra, cada vez mais insatisfeitas com o expansionismo alemão, alertaram o governo nazista sobre a sua não aceitação no caso do descumprimento de mais essa cláusula do tratado. Hitler, porém, não hesitou diante da ameaça e invadiu a Polônia em 1ª de setembro de 1939. Iniciava-se, assim, a Segunda Guerra Mundial.

PRATICANDO

2) O que foi o Pacto Germano-Soviético e qual o seu significado?

3) O avanço do eixo

O início da Guerra foi marcado pela rápida ofensiva do Eixo que acumulou vitórias sucessivas. Após dominar a Polônia, a Alemanha invadiu a Bélgica, a Noruega, a Dinamarca e a Holanda. Em 1940, as tropas nazistas ocuparam a França, obrigando o governo a assinar sua rendição. Esse expansionismo era realizado através do que os alemães chamaram de *blitzkrieg* (guerra relâmpago), conjugando forças aéreas, navais e terrestres.

O passo seguinte foi a tentativa de dominar a Inglaterra com quem os nazistas travaram um assustador duelo aéreo. Londres ficou destruída, mas conseguiu resistir. Na tentativa de enfraquecer o país, tropas alemãs e italianas rumaram para o norte da África com o intuito de impedir o contato dos ingleses com as suas colônias africanas. Desse modo, a guerra se deslocava para outro continente. Posteriormente, as forças nazifascistas ocuparam toda a região balcânica, onde se localizam países como Grécia, Bulgária e Iugoslávia.

O Japão, por sua vez, aproveitava a ofensiva nazista e o consequente enfraquecimento dos principais países da Europa para intensificar o seu expansionismo pelo continente asiático. Seu objetivo era transformar-se numa grande potência, anexando a China e as possessões europeias na Ásia. Contudo, o interesse dos EUA em algumas áreas do oceano Pacífico e a presença da sua frota na região acabaram se transformando num obstáculo para a concretização do ambicioso projeto do império japonês.

A rivalidade entre os dois países levou o presidente americano Franklin Roosevelt a liderar um boicote de petróleo contra Tóquio. Em represália, bem como na tentativa de enfraquecer e intimidar o inimigo, o governo do Japão - consciente de que não tinha condições de invadir o território dos EUA - ordenou, em 7 de dezembro de 1941, um poderoso ataque aéreo a Pearl Harbor, uma base naval estadunidense, localizada no Havaí. Em seguida, estendeu o seu domínio sobre a Ásia, conquistando, por exemplo, a Indochina Francesa, a Indonésia (colônia holandesa), a Malásia e a Birmânia (atual Mianmar), até então dominadas pela Inglaterra, além das Filipinas, dominadas pelos EUA.



Destruições de navios estadunidenses após o ataque japonês a Pearl Harbor.

Nesse mesmo ano, Hitler rompeu o pacto de não agressão germano-soviético e invadiu a URSS, sem declarar guerra, onde venceu batalhas sucessivas. Assim, os últimos acontecimentos acabaram forçando a entrada efetiva dos EUA e da URSS no conflito, fazendo com que os rumos da guerra comessem a se modificar, transformando-a, no entanto, em algo muito maior e muito mais devastador.



Mapa da Europa no final de 1942

4) As mudanças nos rumos da Guerra e a vitória dos aliados

Nos primeiros anos da guerra, as vitórias se concentraram nas mãos das potências do Eixo, mas essa situação começou a se modificar, especialmente, a partir da entrada efetiva dos Estados Unidos no conflito, em dezembro de 1941. Já no ano seguinte, a frota de porta aviões japonesa foi derrotada na Batalha de Midway e no mesmo ano o Japão atacou a base estadunidense em Guadalcanal, mas foi derrotado, tal como em outras batalhas travadas entre os dois países no Pacífico. Os EUA optaram pelo uso maciço das suas forças navais para conquistar inúmeras ilhas até então dominadas pelo Japão, instalando-se no coração do espaço inimigo e impedindo as linhas de comunicação e transporte dentro do império japonês.

Já os italianos, que pretendiam construir um império no mar Mediterrâneo, foram derrotados no norte da África, apesar do auxílio militar dos alemães – onde, desde 1940, vinham lutando contra a Inglaterra, sobretudo pela dominação dos territórios do Egito e da Líbia. Em junho de 1943, a região foi liberada pelas forças militares britânicas e estadunidenses que, um mês depois, iniciaram a invasão da Itália.

Todavia, o domínio sobre o território da Itália foi mais longo e custoso do que se esperava. O país foi ocupado tanto pelos aliados como pelas forças nazistas, mas sua conquista não era considerada prioridade para nenhum dos dois lados. Os alemães concentraram suas forças na frente oriental, em direção à URSS, enquanto os aliados reuniram o máximo possível de equipamentos militares e soldados na própria Inglaterra, esperando o momento mais oportuno para atacar a França e, em seguida, a Alemanha. Nesse sentido, entre 1942 e 1944, cerca de 5 mil soldados desembarcaram por dia nos portos ingleses.

Assim, nesse mesmo período, as forças aéreas aliadas conseguiram dominar um vasto território da Europa ocupado pelos nazistas, incluindo diferentes cidades da Alemanha. Dando continuidade a sua ofensiva, centenas de milhares de soldados, com maciço apoio aéreo e naval, desembarcaram nas praias da Normandia, no norte da França, em 6 de junho de 1944 (o Dia D), concluindo a libertação do país cerca de dois meses depois.

PRATICANDO

3) O que foi a blitzkrieg?

Contudo, a grande e primeira derrota nazista ocorreu na União Soviética, cujos territórios vinham sendo conquistados desde 1941. Os rumos da guerra na frente oriental se modificaram, na **Batalha de Stalingrado**, onde o exército alemão foi contido às portas de Moscou. Para vencê-lo, os soviéticos utilizaram a “tática da terra arrasada”, tal como havia sido feito contra Napoleão, no século XIX. Tal tática consistiu na destruição de tudo o que pudesse ser útil aos inimigos, cercando-os dentro da própria cidade, onde os soldados alemães, aprisionados, foram forçados a se render, em 25 de janeiro de 1943. Tal batalha quebrou o mito da invencibilidade do exército nazista e representou uma virada na guerra em sua frente oriental, de maneira que, a partir desse momento, os alemães apenas recuaram em direção as suas fronteiras, abandonando as conquistas anteriormente efetivadas.



A foto retrata o soldado Vassili, que lutou ao lado do Exército Vermelho contra as forças nazistas na batalha de Stalingrado. Sua mira precisa foi mostrada no filme *Círculo de Fogo*, lançado nos EUA, em 2001.

Enquanto isso, os aliados continuavam sua marcha em direção ao interior da Alemanha e libertavam territórios ocupados pelas forças nazistas, como a Bélgica, a Holanda e a própria Itália. Aos poucos, eles se aproximavam da capital alemã, a partir do oeste, ao passo que os soviéticos, após libertarem o seu território, continuaram sua ofensiva em direção a Berlim, pelo lado leste. Em 25 de abril de 1945, toda Alemanha, incluindo a capital, encontrava-se ocupada pelos aliados e pelo Exército Vermelho, de maneira que o território acabou sendo dividido entre ambos. No dia 30 do mesmo mês, Hitler e sua mulher, Eva Braun, cometeram suicídio. Após uma semana, a Alemanha se rendeu incondicionalmente.



Soldado do Exército Vermelho hasteia a bandeira da União Soviética sobre as ruínas do Parlamento alemão, na cidade de Berlim, em maio de 1945.

Assim, em abril de 1945, com a derrota da Itália e, principalmente, da Alemanha, a guerra já estava praticamente terminada, embora o seu desfecho ainda dependesse da rendição do Japão. Os Estados Unidos continuavam atacando e ocupando várias ilhas japonesas, aproximando-se, cada vez mais, do território metropolitano constantemente atacado por bombardeios aéreos. Em agosto do mesmo ano, o Japão, além de isolado, estava visivelmente derrotado, mas o governo continuava resistindo, intensificando a atuação dos pilotos japoneses que se apresentavam como voluntários, dispostos a morrer pelo imperador e pelo Japão. Com aviões carregados de bombas e explosivos, eles se lançavam contra navios estadunidenses, sacrificando-se para afundá-los.

Desse modo, sob a alegação de que era necessário forçar a imediata rendição japonesa, poupando a vida de soldados americanos que seriam perdidas no caso de uma invasão ao Japão, o governo Roosevelt decidiu pela utilização de uma arma recém-criada nos Estados Unidos: a bomba atômica. A primeira foi lançada sobre a cidade de Hiroshima, em 6 de agosto de 1945, resultando na morte de 140 mil pessoas. Três dias depois, outra bomba atômica foi lançada sobre a cidade de Nagasaki, matando cerca de 70 mil indivíduos. Além da destruição imediata de casas e pessoas queimadas com o calor e o fogo, os efeitos da radiação causaram lesões genéticas que foram passadas de geração em geração. Diante dos últimos acontecimentos, o governo japonês se viu obrigado a se render, em 2 de setembro de 1945. Terminava, enfim, a Segunda Guerra Mundial.



Foto do grandioso cogumelo atômico que destruiu Hiroshima

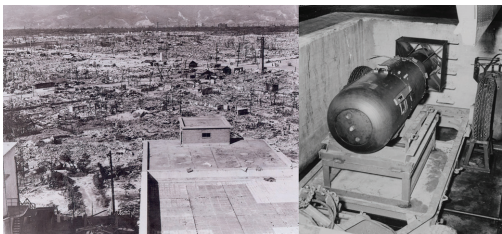


Foto de um bairro em Hiroshima após o bombardeio, e ao lado, modelo de bomba usada no ataque à cidade.

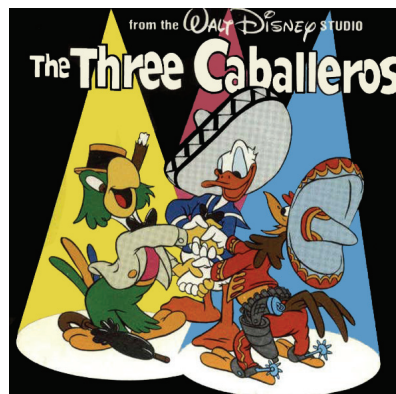
PRATICANDO

4) O que foi o Dia D?

5) A participação do Brasil

No início da Segunda Guerra, o Brasil adotou uma posição de neutralidade, embora o ditador Getúlio Vargas demonstrasse certa simpatia em relação aos regimes fascistas. Desse modo, a aproximação do governo brasileiro com a Alemanha, especialmente na esfera econômica, deixou o Estados Unidos preocupado, o qual passou, então, a pressionar o Brasil no sentido de romper relações com os países do Eixo, oferecendo, em troca, ajuda para a construção de uma usina de aço em Volta Redonda.

Assim, a partir da Segunda Guerra, o Brasil foi conquistando maior importância no cenário mundial. Seus recursos e sua influência política interna eram disputados pelas forças nazifascistas, com o apoio inicial dos integralistas, e pelos EUA, que fizeram um grandioso investimento em propaganda, buscando convencer os brasileiros das vantagens da amizade com os EUA e da superioridade da democracia sobre a ditadura fascista. Datam dessa época, por exemplo, a criação do personagem Zé Carioca, por Walt Disney, a explosão de Carmem Miranda em Hollywood e a consolidação da influência da música e do cinema estadunidenses em nosso país.



O governo Vargas acabou declarando apoio aos aliados e as relações com os países fascistas foram rompidas, em janeiro de 1942. O Brasil declarou guerra ao Eixo em agosto do mesmo ano, não só por causa das pressões exercidas pelo governo americano, mas em razão da onda de protestos que se espalhou pelo país apoiando a sua adesão efetiva ao conflito, depois que submarinos alemães afundaram alguns navios na costa do Brasil, matando 607 tripulantes.

Novo atentado à navegação brasileira

GAZETA DE NOTÍCIAS

ANO 68 Nº 42 Rio de Janeiro Diretores: Wladimir Berrantes e Bastos Tigre Sábado, 21 de Fevereiro de 1942

O torpedeamento do "Olinda"

Ação naval, terrestre e aérea contra Java

A 60 quilômetros de Rangoon
INFORMA-SE QUE OS JAPONESES AVANÇAM EM DIREÇÃO ÀQUELA CIDADE

Estabelecendo-se na ilha de Hainan, os japoneses prepararam-se para o ataque à Base de Surabaya, no sul da Indonésia, onde se encontra uma das maiores bases de guerra do Eixo no Oriente. O Comando das Índias Orientais (Hollandia) deu a ordem de evacuar a cidade. "Como a operação foi levada a cabo pela inteligência aérea, a cidade não sofreu danos materiais. Os japoneses não conseguiram estabelecer-se na ilha de Hainan".

O NAVIO BRASILEIRO FOI CANHONEADO 18 VEZES ANTES DE AFUNDAR

SERIA UM SUBMARINO "DE BOLSO" O ATACANTE. SALVOS TODOS OS TRIPULANTES O ATAQUE DEU-SE ÀS MEIAS HORAS DA TARDE



O navio brasileiro "Olinda"

A primeira página do jornal enfatizava o torpedeamento do navio Olinda

A entrada do Brasil no conflito, entretanto, não foi imediata devido à necessidade dos militares brasileiros receberem equipamentos e treinamento, já que nosso país contava então com um exército pequeno, mal armado e mal preparado. Não se tratava, portanto, de reciclar o exército, mas formar e preparar um exército novo. Nesse contexto, foi criada a **Força Expedicionária Brasileira (FEB)**, um trabalho acompanhado de perto pelos Estados Unidos, que, posteriormente, seria indenizado pelo Brasil, já que de lá vinham tanto o material bélico a ser utilizado pelos pracinhas (como ficaram conhecidos nossos soldados) como os militares encarregados de assessorarem e doutrinar os combatentes da FEB.



Soldados da FEB partindo para a guerra.

Muitos, porém, duvidaram até o último momento de que um país pouco desenvolvido como o Brasil ousaria enfrentar o exército alemão, considerado o melhor do mundo. Com ironia, os incrédulos afirmavam que era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil lutar contra os nazistas. Nesse sentido, os próprios pracinhas escolheram como símbolo da FEB uma cobra com um cachimbo na boca e partiram para a guerra na Itália, a partir de julho de 1944, em cinco escalões, totalizando 25 mil soldados. Chegando lá, lutaram bravamente contra as forças nazifascistas, sem que houvesse tido tempo para que se adaptassem aos veículos, às armas e ao clima europeu. Perderam al-

gumas batalhas, mas venceram muitas outras e conquistaram a vitória final.

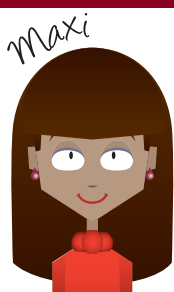


Símbolo da FEB.

Ao término da guerra, 465 pracinhas estavam mortos e quase 3 mil voltaram feridos. Quando retornaram ao Brasil, os soldados foram aplaudidos pela população, mas a sua coragem e a importância da sua atuação no conflito rapidamente foram esquecidas.

PRATICANDO

5) Quais os motivos que levaram o Brasil a entrar efetivamente na Segunda Guerra Mundial?



Mortes em guerras

E aí, galera! Infelizmente, quando assistimos telejornais ou entramos em portais de notícias na internet sempre vemos apontamentos sobre algum conflito em algum lugar do mundo. Essas observações sobre bombardeios ou ataques sempre vêm acompanhadas por números que atualizam o triste saldo de uma guerra: o número de mortos. Por vezes, estes são tão elevados e tão desconhecidos, que só vemos estimativas e arredondamentos. A vida vale muito pouco durante uma guerra e passa a ser somente uma fúnebre estatística em meio a disputas por diferentes origens e razões.

Mas, entre essas tristes constatações, quais foram os conflitos que mais causaram perdas humanas na história da humanidade? Entre os milhares, os mais recentes são os que possuem dados mais exatos. Guerras antigas possuem números estimados de mortes baseados em diferentes relatos e indicadores e podem ser muito discrepantes, dependendo de quem analisa. O século XX assistiu a dois dos maiores: a 1ª e a 2ª Guerras Mundiais, que somam juntas, quase 100 milhões de pessoas mortas, destroçando e colocando uma cicatriz incurável em diversas famílias e histórias. Para saber mais sobre esses e outros conflitos, acesse nosso portal galercult.com.br e conheça outras histórias que não devem ser esquecidas, apesar de tristes.



GaleraCult

- Em agosto de 1945 foi realizada a Conferência de Potsdam, na Alemanha, onde se reuniram o presidente Harry S. Truman (EUA), o primeiro-ministro Winston Churchill (Inglaterra) e o ditador Josef Stálin (URSS). Nessa reunião ficou estabelecido, por exemplo, que a Alemanha deveria ser desmilitarizada, além de pagar uma indenização de US\$ 20 bilhões para os países integrantes das Forças Aliadas. Estes decidiram também pela criação do Tribunal de Nuremberg para julgar os criminosos de guerra. Doze oficiais nazistas foram condenados à execução;

- O presidente Franklin Roosevelt (antecessor de Truman), Churchill e Stálin se reuniram ainda antes do término da guerra na Conferência de Yalta, realizada em fevereiro de 1945, na União Soviética. Dentre as principais determinações resultantes dessa conferência, podemos destacar a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), em substituição à fracassada Liga das Nações. Esse órgão teria por função manter a paz e a segurança internacional, buscando, através de entidades subordinadas, implementar soluções para os problemas econômicos sociais, culturais e humanitários;

- Ainda na Conferência de Yalta, ficou estabelecida a divisão do mundo em duas áreas de influência, sob o domínio daquelas que se tornaram as maiores potências da época: EUA e URSS. Assim, podemos afirmar que a principal consequência da Guerra foi a rivalidade entre

os blocos capitalista e socialista, liderados por estes países, respectivamente. A possibilidade de um conflito armado entre ambos apavorou o mundo nos anos seguintes, dando início à chamada **Guerra Fria**.

Mapa da Europa com os seguintes rótulos:

- Países e Regiões:** Groelândia (Dinamarca), Islândia, Grã-Bretanha, Irlanda, Dinamarca, Países Baixos, Alemanha, Polónia, França, Portugal, Espanha, Andorra, Mônaco, Vaticano, Suíça, Alemanha, Polónia, Hungria, Roménia, Bulgária, Turquia, Grécia, Albânia, San Marino, Itália, Bélgica, Luxemburgo, Áustria, República Checa, Eslováquia, Letónia, Estónia, Lituânia, Finlândia, Suécia, Noruega, União Soviética.
- Oceanos e Mares:** OCEANO ATLÂNTICO, Mar do Norte, Mar Báltico, Mar Negro, Mar Mediterrâneo.
- Outros Rótulos:** Corredor Polonês, Porto de Danzing.

Este mapa da Europa em 1945 ilustra a divisão geográfica e política resultante da Segunda Guerra Mundial. A legenda indica que as áreas em vermelho escuro representam as 'Anexações soviéticas', incluindo a Estônia, Letônia, Lituânia, parte da Polónia e a Romênia. As áreas em rosa representam os 'Países que adotaram o regime socialista', incluindo a Alemanha Oriental, a Polónia, a Tchecoslováquia, a Hungria, a Jugoslávia, a Bulgária, a Albânia e a Grécia. Os países não coloridos representam as nações da Europa Ocidental, como a França, o Reino Unido, a Alemanha Ocidental, a Itália e a Espanha. O mapa também mostra a localização do Mar do Norte, do Báltico, do Mediterrâneo e do Atlântico, bem como a fronteira com a União Soviética.

PRATICANDO

6) Quais foram as consequências da guerra para a Alemanha?

7) A política racial nazista e o holocausto

Até o suicídio, em 30 de abril de 1945, Hitler desejou e tentou de todas as formas concretizar o seu sonho de reunir os povos germânicos e levar ao domínio mundial a chamada “raça ariana”, uma “**raça pura**” da qual os alemães e os austríacos seriam descendentes. Para tanto, o líder nazista investiu na militarização e no expansionismo, além de pôr em prática uma violenta política racial que pretendia subjugar ou até mesmo eliminar todos os indivíduos e raças consideradas inferiores e capazes de “contaminar” a “raça ariana”.

Os nazistas acreditavam que a humanidade estava dividida em raças, de maneira que os alemães e demais povos germânicos estariam no topo dessa pirâmide racial. Abaixo deles, estariam os povos da Europa Ocidental, que embora fossem inferiores, eram brancos aceitáveis, aos quais seria garantida a sobrevivência em troca da submissão. Eles teriam, portanto, a possibilidade de viver no espaço dominado pela Alemanha, mas sem autonomia econômica e política. Em seguida, estariam os povos eslavos da Europa Oriental (poloneses, russos, ucranianos, entre outros), considerados ainda mais inferiores e, portanto, destinados à escravidão no futuro *Reich*, o que explica a maior agressividade da política de expansão nazista nesta área. Abaixo de todos esses povos, estariam os judeus e os ciganos, para os quais restaria apenas o extermínio.

Desse modo, a chegada dos nazistas ao poder na Alemanha foi seguida da decretação de várias leis racistas, especialmente contra os judeus. Tal povo foi vítima de discriminação em diferentes épocas da história. Na Idade Média, por exemplo, marcada pelo intenso poder da Igreja Católica, os judeus – que na Antiguidade não haviam aceitado Jesus Cristo como o Messias enviado por Deus – foram violentamente perseguidos e constantemente considerados culpados pelas diferentes catástrofes que aconteciam na Europa, como secas e epidemias. Na Idade Moderna, especialmente na Espanha e em Portugal, eles foram obrigados a se converter ao catolicismo e/ou queimados na fogueira da Inquisição. Em

épocas mais recentes, como na virada do século XIX para o XX, os judeus foram perseguidos na Rússia, após a publicação de um livro (Protocolos dos Sábios de Sião), encomendado pelo próprio czar Nicolau II, que continha ideias forjadas sobre um plano traçado por judeus para dominarem o mundo.

A política antisemita posta em prática por Hitler, portanto, não foi novidade na Europa, mas causou horror e indignação devido à sua extrema violência e radicalismo, em pleno século XX. Os judeus serviram como bode expiatório para a situação desastrosa em que a Alemanha se encontrava após a Primeira Guerra, e, sobretudo, a Crise de 29. O regime nazista, caracterizado por um nacionalismo exacerbado, acusava tal povo de não ser patriota e agir movido pela cobiça, pensando somente no enriquecimento próprio e não no progresso da sociedade. O judeus foram, inclusive, acusados de terem traído a Alemanha na Primeira Guerra e provocado a sua derrota.

Na Antiguidade, esse povo habitava a região da atual Palestina, por eles considerada a “Terra Prometida” por Deus. Entretanto, seus integrantes foram expulsos por outros povos, como os babilônios e os romanos, e acabaram se dispersando pelo mundo inteiro, sofrendo discriminação, perseguições e massacres. Desse modo, os nazistas o consideravam um povo sem pátria, incapaz de amar verdadeiramente a Alemanha, que não era a sua pátria de origem, mesmo para os que tivessem nascido lá.

Logo que se tornou chanceler, em 1933, Hitler cuidou de legitimar a discriminação aos judeus criando, por exemplo, leis que os proibiam de exercer determinadas profissões, como as de médico e advogado. Em seguida, determinou que apenas 1,5% das vagas nas escolas e universidades poderiam ser ocupadas por judeus. Em 1935 foi proibido o casamento entre eles e alemães, além de anuladas as antigas uniões. Nesse sentido, a Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemães, publicada em 15 de setembro do mesmo ano, determinava que: “Ficam proibidos os casamentos entre judeus e alemães ou pessoas de sangue alemão. Os enlances já contratados, contrariamente a esta disposição, são nulos, mesmo nos casos em que se devem celebrar no estrangeiro. (...) As relações sexuais entre

judeus e alemães ou pessoas de sangue alemão são proibidas”.

Os judeus, entretanto, não foram as únicas vítimas da fúria nazista. Entre elas também estiveram ciganos, eslavos, comunistas, negros, homossexuais, deficientes, dentre outros. Tais indivíduos eram considerados pelo governo uma ameaça ao objetivo de manter a pureza da “raça ariana”. Ainda em 1933, por exemplo, foi publicada uma lei que determinava a esterilização de deficientes físicos e mentais. Desse modo, até 1945, cerca de 400 mil pessoas, dentre as quais alcoólatras e indivíduos considerados antissociais ou incapazes, sofreram a esterilização. Em 1939, deficientes foram separados forçadamente de suas famílias e assassinados em centros espalhados pela Alemanha.

E se tratando novamente dos judeus, convém ressaltar que eles foram proibidos de frequentar piscinas públicas, restaurantes e clubes, além de não poderem utilizar os transportes coletivos. Seus bens foram confiscados pelo governo. Logo, casas e lojas pertencentes a judeus foram invadidas, saqueadas e queimadas.



Soldados alemães fixam cartazes nos quais se lê: “Alemães! Defendam-se! Não comprem dos judeus! . Lojas de proprietários judeus “ são destruídas em 9 de novembro de 1938.

A violência antissemita se propagava rapidamente. Depois, os judeus foram obrigados a usar um sinal de identificação: tratava-se da estrela de Davi que deveria ser feita em um pano amarelo e costurada na roupa desses indivíduos. Esses símbolos de identificação, que serviam para aumentar a discriminação, não foram impostos somente aos judeus. Os homossexuais, por exemplo, deveriam utilizar em suas roupas um triângulo rosa e os testemunhas de Jeová, um triângulo roxo. Estes últimos eram perseguidos e acusados como inimigos da Pátria pelo fato de não se alistarem no exército e se recusarem a erguer o braço para realizar a saudação: “Heil, Hitler!”, que significa: “A salvação vem de Hitler”, o que para eles não fazia sentido, já que o único Salvador era Jeová (Deus).

Declaração de renúncia das crenças

Campo de concentração _____

Departamento II

DECLARAÇÃO

Eu, _____

nascido a _____

em _____

faço por meio desta a seguinte declaração:

1. Eu vim a saber que a Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia está divulgando ensinamentos falsos e, sob o manto da religião, empenha-se por objetivos hostis ao Estado.
2. Por conseguinte, abandonei inteiramente essa organização e libertei-me totalmente dos ensinamentos dessa seita.
3. Por meio desta, dou garantia de que jamais voltarei a participar nas atividades da Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia. Qualquer pessoa que venha a mim com os ensinamentos dos Estudantes da Bíblia, ou de que algum modo revele suas ligações com eles, denunciarei imediatamente. Toda publicação dos Estudantes da Bíblia que seja enviada ao meu endereço entregarei imediatamente à delegacia mais próxima.
4. Prezarei de agora em diante as leis do Estado, e em especial na eventualidade de guerra, de arma em punho, defenderei a Pátria, e me integrarei de toda maneira na comunidade do povo.
5. Fui informado de que serei imediatamente colocado de novo sob prisão preventiva, se eu vier a agir contrário à declaração feita hoje.

_____, Data de _____

Assinatura

Os nazistas ofereciam aos testemunhas de Jeová a possibilidade de assinarem este documento em troca da sua libertação. A maior parte deles, porém, preferiu se submeter a torturas e até mesmo à morte nos campos de concentração a renunciar a sua fé.

Tudo isso era só o começo. As perseguições seguiram implacáveis. Os judeus passaram a ser confinados em guetos, criados em toda a Alemanha e nas regiões ocupadas. O mais famoso dentre eles foi o gueto de Varsóvia, na Polônia. Tratavam-se de bairros pobres que passaram a servir de moradia para milhares de judeus que, desse modo, ficavam isolados do restante da população. Muitos morreram de fome e doenças.

Posteriormente, os indivíduos perseguidos pelos nazistas passaram a ser levados para campos de concentração, grandes prisões cercadas de arame farpado eletrificado para impedir fugas. Inicialmente, eles serviam para isolar setores da população tidos como ameaçadores à segurança do Estado ou à pretensa superioridade ariana. Lá os indivíduos eram submetidos ao in-

tenso regime de trabalho forçado que, associado à desnutrição, levou milhares deles à morte. Posteriormente, esses campos se transformaram em verdadeiros centros de extermínio, quando Hitler colocou em prática a chamada **solução final**, com o intuito de eliminar as “raças inferiores”.



Prisioneiros encontrados no campo de Buchenwald, na Alemanha.

Cerca de 6 milhões de indivíduos, sobretudo judeus, morreram nos campos de concentração, onde foram trancados em galpões nos quais era liberado um gás venenoso que provocava a morte em poucos minutos. Seus cabelos eram aproveitados para fazer colchões e a gordura de seus corpos para fabricar sabão. Em seguida, os cadáveres eram enterrados em valas gigantescas ou queimados em fornos crematórios. Além disso, diversos indivíduos foram cobaias e vítimas de experiências monstruosas efetivadas por médicos nazistas.



Os aliados encontram cadáveres amontoados no campo de Ohrdruf, na Alemanha.

Embora tenha havido dentro da própria Alemanha diversas pessoas contrárias à política racial nazista e que não hesitaram em, de diferentes formas, proteger suas vítimas, não foram poucos os indivíduos responsáveis por esse genocídio – que ficou conhecido como Holocausto –, quer pelo fato de terem apoiado o extermínio, quer por simplesmente terem se omitido. O apoio a essa monstruosidade não há como ser tolerado, mas até certo ponto pode ser compreendido

como resultado de uma violenta perseguição aos opositores do regime e de uma intensa máquina de propaganda que trabalhava incessantemente no sentido de exaltar a política racial nazista e apresentar suas vítimas como fortes ameaças à superioridade da “raça ariana”. Para isso, utilizava-se um discurso pseudocientífico, baseado em supostas experiências biológicas que ajudavam a fortalecer a tese do arianismo e legitimar o extermínio das “raças inferiores”.



Duzentos civis alemães, que viviam próximos ao campo de concentração de Landsberg, são obrigados pelo tenente americano Ed Seiller a ver com seus próprios olhos o resultado da fúria nazista, em 15 de maio de 1945.

PRATICANDO

7) O que foi a chamada Solução Final?

APROFUNDANDO

8) Por que a Inglaterra e a França hesitaram em conter a ofensiva do Eixo?

9) Qual a importância da anexação da Áustria para o governo nazista?

10) De que modo os judeus incomodavam a política nacionalista de Hitler?

11) De que forma os nazistas conseguiram o apoio de grande parte da população alemã?

12) Por que os deficientes eram perseguidos pelos nazistas?

13) Não pode ser considerado um fator que propiciou a eclosão da Segunda Guerra Mundial:

a) a ascensão de regimes totalitários na Itália e na Alemanha nos anos 20 e 30;

- b) os efeitos da Crise de 29 na economia europeia;
- c) invasão da Polônia pelas tropas nazistas;
- d) a vitória dos republicanos na Guerra Civil Espanhola, barrando o avanço do fascismo na Espanha;
- e) a união entre a Áustria e a Alemanha empreendida por Hitler.

14) Para o historiador Arno J. Mayer, as duas guerras mundiais, a de 1914-18 e a de 1939-45, devem ser vistas como constituindo um único conflito, uma segunda Guerra dos Trinta Anos. Essa interpretação é, em parte, possível pelo fato de:

- a) as duas guerras mundiais terem envolvido todos os países da Europa, além de suas colônias de ultramar;
- b) Prevalecer antes da Segunda Guerra Mundial o equilíbrio europeu, tal como ocorrera antes de ter início a primeira Guerra dos Trinta Anos, em 1618;
- c) A Segunda Guerra ter sido causada pelos dispositivos decorrentes do Tratado de Versalhes de 1919;
- d) Terem ocorrido, entre as duas guerras mundiais, rebeliões e revoluções como na década de 1640;
- e) em ambas as guerras mundiais, o conflito ter sido travado por motivos ideológicos, mais do que imperialistas.

15) O ataque à base naval de Pearl Harbor se tornou um dos acontecimentos decisivos para o desfecho da Segunda Guerra Mundial.

Esse ataque:

- a) representou a primeira grande derrota dos aliados, uma vez que os japoneses passaram a utilizar armas atômicas contra cidades asiáticas, porque estas defendiam os aliados;
- b) criou condições favoráveis para os aliados na luta contra as forças nazifascistas, pois foi um fato histórico decisivo para a entrada dos Estados Unidos da América na guerra;
- c) contribuiu para o aumento do poderio estratégico e militar dos alemães, haja vista o aniquilamento quase total das forças americanas e de seus aliados no Leste Europeu;
- d) marcou a derrota final dos países que faziam parte da Tríplce Entente, tornando-se o símbolo da restauração da democracia e do liberalismo em toda a Europa;
- e) foi importante para o fortalecimento do nazifascismo, em razão da vitória esmagadora das forças alemãs sobre o exército soviético e de outros países do Leste Europeu.

16) O fato concreto que serviu de estopim para a Segunda Guerra Mundial foi:

- a) a saída dos invasores alemães do território dos Sudetos na Tchecoslováquia;
- b) a tomada do “corredor polonês” que desembocava na cidade livre de Dantzig (atual Gdansk) pelos italianos;
- c) a invasão da Polônia por tropas nazistas e a ação da Inglaterra e da França em socorro dos seus aliados, declarando guerra ao Terceiro *Reich*;
- d) a efetivação de *Anschluss*, que desmembrava a Áustria da Alemanha;
- e) a invasão da Polônia por tropas alemãs, quebrando o Pacto Germânico-Soviético.

17) A Conferência Internacional de Munique, em 1938, às vésperas da Segunda Grande Guerra Mundial, corresponde ao ponto mais alto da política de “apaziguamento”, levada a efeito pela Inglaterra e pela França, quando estas mais cederam diplomaticamente. A principal decisão da Conferência consistiu em:

- a) reconhecer o direito alemão à posse dos Sudetos, que deveriam ser entregues pela Tchecoslováquia;
- b) reincorporar ao território alemão a região do Sarre, independentemente do plebiscito a que sua população deveria submeter-se, em virtude do Tratado de Versalhes;
- c) aceitar a remilitarização da Renânia por parte de Hitler;
- d) admitir como irreversível a anexação da Áustria pela Alemanha;
- e) reconhecer o direito da Alemanha ao porto de Dantzig, até então em poder da Polônia.

18) A batalha que aconteceu em Stalingrado, durante a II Guerra Mundial, marcou:

- a) a consolidação das posições alemãs na Rússia, decorrente da expansão fulminante das potências do Eixo (Itália-Alemanha-Japão);
- b) a neutralização do exército de Stálin, obrigando-o a assinar o Pacto Germano-Soviético de não agressão e neutralidade;
- c) a inversão da situação militar da II Guerra, dando início ao recuo nazista na Europa Oriental e à decadência do Terceiro *Reich*;
- d) a vitória da *Blitzkrieg* – guerra relâmpago que consistia em ataques maciços, com o uso de carros blindados, aviões e navios;
- e) o desembarque aliado nas praias da Normandia – o Dia D, que conteve a ofensiva alemã, destruindo pela primeira vez o mito da invencibilidade da *Wehrmacht*.

19) Em 24 de outubro de 1995, chefes de Estado, reunidos em Nova Iorque, comemoraram o 50º aniversário da Organização das Nações Unidas (ONU).

O que representa esta organização?

- a) A organização dos países do Ocidente para o enfrentamento com os países do Oriente;
- b) A vitória da Liga das Nações, vigente durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais;
- c) O fim da Guerra Fria entre o mundo capitalista e o mundo comunista;
- d) A descolonização da América e da África e os respectivos engajamentos políticos dos dois continentes;
- e) Uma força internacional acima das nações, na defesa da paz mundial, dos direitos do homem e da igualdade dos povos.

20) O Tribunal de Nuremberg foi criado no final da Segunda Guerra Mundial e era constituído:

- a) pelos governos da França e da Inglaterra para redefinir as fronteiras dos seus países após a ocupação dos territórios pela Alemanha, durante o governo de Hitler;
- b) pelos generais dos Estados Unidos e da União Soviética que participaram da guerra, visando julgar os chefes nazistas pelos crimes cometidos contra os soldados dos dois países;

c) pelos líderes dos judeus para julgar os nazistas responsáveis pelos assassinatos coletivos dos judeus de vários países europeus;

d) por representantes dos Estados Unidos, União Soviética, França e Inglaterra, com o objetivo de julgar os fascistas considerados criminosos de guerra;

e) pelos governos dos países do Eixo, que não concordavam com os julgamentos dos fascistas que tinham sido realizados nos tribunais dos países aliados.

21) *Pensem nas crianças / Mudas telepáticas / Pensem nas meninas / Cegas inexatas / Pensem nas mulheres / Rotas alteradas / Pensem nas feridas / Como rosas cálidas / Mas oh! não se esqueçam / Da rosa de Hiroshima / A rosa hereditária / A rosa radioativa / Estúpida e inválida / A rosa com cirrose / A antirrosa atômica / Sem cor, sem perfume / Sem rosa, sem nada.*

(CONRAD, Gerson e MORAES, Vinícius de. *Rosa de Hiroshima*).

a) De que maneira os EUA justificaram o bombardeio sobre Hiroshima e Nagasaki?

b) Que razão teria efetivamente levado os EUA a lançarem as bombas atômicas sobre as cidades japonesas?

DESAFIANDO

Infoteste 1:

Atuação do Brasil na Segunda Guerra Mundial é até hoje alvo de controvérsias

Setenta anos após o cessar-fogo, participação de pracinhas tupiniquins em conflitos na Itália ainda é investigada por historiadores, escritores e cineastas

Fellipe Torres - Diário de Pernambuco (16/3/2015)



Confira mais em:

O Brasil na Segunda Guerra Mundial



(Acervolconographia/reproduçãooodução)

No apagar das luzes da Segunda Guerra Mundial, entre 1944 e 1945, 25 mil brasileiros lutaram ao lado dos aliados norte-americanos contra efetivos de soldados alemães, em território italiano. Entre eles, 681 militares pernambucanos, todos treinados em um quartel-general ianque montado no Recife. Enquanto as batalhas eram travadas na Europa, Pernambuco vivia tempos de paranoia em relação a ataques aéreos e de racionamento de alimentos e energia elétrica. O povo estava distante do front, mas vivia, assim mesmo, uma guerra de metáfora.

Quando não desconhecida, a atuação da Força Expedicionária Brasileira é cercada de informações imprecisas, às vezes contraditórias. Não é para menos. A própria guerra dificilmente tem as motivações compreendidas. Poucos têm a dimensão de como os desdobramentos daquele período sombrio se prolongam até hoje, 70 anos depois do cessar-fogo. Para pesquisadores, o fim da batalha global não ocorreu em 1945, mas com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e a dissolução do império soviético. A movimentação encontra ecos em episódios atuais, como a guerra civil na Ucrânia e a anexação da Crimeia pela Rússia.



(Acervo Iconographia/reprodução)

A atualidade das discussões em torno do maior confronto bélico da história, com mais de 100 milhões de combatentes, fez o jornalista William Waack, correspondente de guerra em nove ocasiões, revisar e ampliar investigação jornalística feita há 30 anos, em 1985. No livro-reportagem *As duas faces da glória* (Editora Planeta, 344 páginas, R\$ 41), agora reeditado, são apurados os pontos de vista de aliados e inimigos a respeito da atuação da FEB na Itália. Baseado em documentos e entrevistas, ele revela, por exemplo, como a maioria dos alemães desconhecia a atuação dos brasileiros. Do lado norte-americano, havia dificuldade de se compreender o caráter nacional dos pracinhas tupiniquins.

Para o jornalista, foi uma maneira de driblar a “versão oficial” dos fatos, até então somente narrados e interpretados pelos próprios militares. Na época da primeira edição, a obra foi encarada como “provação” e “tentativa de denegrir as forças armadas”. Ao longo dos anos, as críticas se multiplicaram, vindas também de pesquisadores como o historiador norte-americano Frank McCann (Waack “violentou a verdade histórica”) e o jornalista Bonalume Neto, autor de *A nossa segunda guerra* (para ele, o livro do colega é “lamentável” e “uma catilinária anti-FEB”).



(Wikimedia/reprodução)

Quartel no Recife

No Campo de Ibura, no Recife, um quartel-general norte-americano em funcionamento desde 1942 (United States Army Forces South Atlantic – USAFSA) foi essencial para o nascimento da FEB. Em negociações com os brasileiros, o governo dos Estados Unidos deixou clara a necessidade de os militares daqui serem treinados nos padrões de lá. Era essencial conhecer os aliados como povo, sociológica e antropológicamente, além de ter acesso a treinamento político e técnico-militar. Enquanto isso, o caminho inverso era feito por Carmem Miranda, vista como um pedaço exótico do Brasil nas passagens pela terra do Tio Sam.



(Credito: Forte.jor.br/reprodução)

Feijão com salsicha

Ex-oficiais alemães entrevistados por William Waack demonstraram total desconhecimento sobre a participação de brasileiros na guerra. Uma exceção foi Klaus Dietrich Polz, segundo-tenente das forças de Hitler. Aos 20 anos, o jovem nazista foi capturado pela FEB em 11 de março de 1945. Depois de receber um prato de feijão com salsicha dos inimigos, não conteve a surpresa ao ver, pela primeira vez, uma pessoa negra. Levou “algumas tapas”, mas acabou sendo liberado. Décadas depois, disse ser muito grato aos brasileiros. “Se tivesse sido capturado pelos russos, estaria morto”. O episódio protagonizado pelo veterano nazista havia sido narrado, ainda durante o conflito, pelo escritor e correspondente de guerra Rubem Braga.



(Joel Silveira. Editora Objetiva/divulgação)

Direto do front

O também correspondente Joel Silveira definiu o cheiro da guerra como uma mistura de sangue velho e óleo diesel. No inverno gelado daquela região na Itália, o mais rigoroso das cinco últimas décadas, a neve restringia a locomoção e era tão democrática quanto o tédio dos longos dias - combatentes da FEB e jornalistas sofriam na mesma proporção. O corneteiro acordava todos às 5h, na escuridão de um lugar onde o sol só nascia depois das 10h e só se sustentava até 15h ou 16h. Era

comum a água disponível para higiene pessoal amanhecer congelada. Em seguida, o café-da-manhã tipicamente norte-americano, com geleias, leite, presunto, bacon do Texas e suco de laranja da Califórnia. Ao saírem, ele e os demais jornalistas levavam consigo as pesadas máquinas de escrever. No caminho, frequentemente eram alvo de granadas atiradas por alemães. A cada explosão, um dos repórteres sempre dizia: “A sorte é que meu relógio é antimagnético”.



(Correspondentes de guerra. Credito: Wikimedia.org/reprodução)

Otimistas e analfabetos

Antes mesmo de os brasileiros chegarem na Itália, os oficiais norte-americanos já se comunicavam por meio de relatórios a respeito dos novos aliados. Nos documentos, registravam como a diferença entre classes e o preconceito racial tinha reflexo nas forças militares. A maior patente alcançada por um negro era a de major. Também teciam comentários diversos sobre o modo de ser dos latinos. Em abril de 1944, um militar dos EUA descreveu: “As pessoas no Brasil são extremamente hospitaleiras, alegres e otimistas. Conversam de maneira dramática, e expressam suas emoções em palavras fortes. Elas fazem e esperam elogios honestos, mas são rápidas em apanhar insinceridades. Os instruídos (há muitos na classe alta) são inteligentes, mentalmente rápidos e bem informados. O grosso da população, contudo, consiste na classe baixa. Eles são, em larga extensão, analfabetos (...) O brasileiro tem senso de humor e é interessado em música, arte etc. Uma vez que ele se torna seu amigo, tudo o que ele tem é seu”.

Franzinos e resistentes

Depois de receberem o reforço brasileiro, os oficiais dos EUA passaram a ter uma visão mais positiva sobre os soldados (“embora franzinos, aguentam de maneira excelente as difíceis manobras de campo (...) Muitos deles poderiam marchar descalços, se necessário”). Uma preocupação dizia respeito à saúde fragilizada dos pracinhas, muitos deles com doenças venéreas. Posteriormente, várias queixas surgiram aos “hábitos desleixados” dos brasileiros.

Eles nunca voltaram

Pernambuco enviou 681 militares pernambucanos para compor a divisão do General Mascarenhas de Moraes, da FEB. Mas nem todos voltaram dos campos de batalha. Treze foram mortos nos nove meses de combate e enterrados na Itália. Eram homens nascidos no Recife, Cabo de Santo Agostinho, Limoeiro, Igarassu, Catende e Taquaritinga do Norte. Em homenagem a eles, foi erguido em 1971 o Monumento aos Pernambucanos Mortos na Segunda Guerra Mundial, no Parque 13 de Maio, bairro de Santo Amaro.

Três perguntas

Karl Schurster Verissimo, pós-doutor em história pela UFRPE, professor da UPE e autor de *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial* (edição esgotada).

Como a imagem da FEB se alterou ao longo dos anos?

Logo após a guerra, houve um processo de heroificação da FEB. Ela se torna a heroína da pátria, convenientemente às vésperas de um governo militar. Nesse período, surgiram muitas biografias e livros de memórias ufanistas. Passada a ditadura, começa um processo de ridicularização da FEB por parte da historiografia brasileira. O combatente passa a ser retratado como banguelo, por exemplo. Surgem relatos de soldados que invadiam casa de italianos para roubar relógio ou de brasileiro que vestiu roupa de alemão e, por isso, foi baleado ao chegar aos Estados Unidos. Foi um processo ridículo. Dizia-se que, como os soldados não conseguiam comer comida enlatada, as forças armadas precisavam mandar carregamentos de feijão e farinha. Acredito que, independente das condições de atuação da FEB, é preciso reconhecer os esforços de uma nação durante a guerra.

As memórias dos ex-integrantes da FEB que ainda estão vivos são fonte de importância histórica?

A história oral dos sobreviventes da guerra fornece indícios maravilhosos, mas essas pessoas geralmente têm uma memória “ressignificada”, até porque as narrativas não foram feitas logo depois de eles voltarem, mas após eles “passarem o passado a limpo”. Entrevistei muitos, e o nível de conhecimento sobre o nazismo é incompatível com a idade que tinham durante a guerra. Eles mencionam informações sobre as quais ninguém tinha acesso, sobre eugenia, práticas alemãs. Boa parte dos militares da FEB só entrou na escola depois da Segunda Guerra. Eles voltam em um processo heroico, recebido como heróis nacionais, mas caem em desuso. Há um número imenso de casos de depressão, porque são soldados de front de batalha e, quando retornam ao Brasil, não há mais batalha alguma.

Depois de enviar mais de 600 homens para o conflito na Itália, como a guerra era percebida em Pernambuco?

Mesmo Pernambuco não tendo vivido uma guerra de fato, com bombas sendo atiradas dos céus, as pessoas mudaram seus hábitos, precisaram fazer racionamento de energia, comida, combustível. A imprensa dizia que era necessário se defender em abrigos antiaéreos, ensinava didaticamente como usar, mas não havia nenhum abrigo assim em Pernambuco. Um jornal de 16 páginas passava a ter somente oito, por causa da guerra, assunto que sempre ocupava a primeira página. O tradicional restaurante Leite fechava mais cedo para contribuir com o racionamento, e tudo isso fez parte de um discurso que modificou o comportamento para conviver com uma guerra sem guerra. Se não vivemos o front de batalha, vivemos uma guerra de metáfora. Ouvi pessoas que tinham medo real, viviam para defender a costa brasileira.

(TORRES, Fellipe. *Atuação do Brasil na Segunda Guerra Mundial é até hoje alvo de controvérsias*. Diário de Pernambuco, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/G2gljZ> Acesso em: 27 março 2018.)

22) Por que o autor afirma que, embora estivesse longe do front, a população em Pernambuco vivia uma guerra de metáfora?

23) Como o autor explica a transformação da imagem da FEB ao longo dos anos?

24) Sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, podemos afirmar que:

- a) atuou ao lado do Eixo, participando ativamente do ataque a Pear Harbour;
- b) foi conduzida a partir da FEB cujo treinamento ficou a cargo dos franceses e ingleses;
- c) foi realizado apenas de forma indireta, através da chamada guerra de metáfora;
- d) lutou ativamente contra os nazistas em territórios italianos;
- e) contou com o financiamento do Japão para a aquisição de equipamento e armamento.

Infoteste 2:

Depoimentos de soldados brasileiros

“À noite, ia ter instruções sobre armadilhas alemãs. Os americanos falavam português, começavam a mostrar que o soldado nunca devia entrar numa casa pela porta a abrir o trinco, detona um negócio e cai a casa. Nunca bater numa tecla de piano, não abrir torneira dentro de casa. Uma série de armadilhas que eles conheciam e que os alemães faziam” (Ferdinando Palermo, ex-combatente)

“Percebi como pode um soldado sentir-se solitário na sua trincheira, solidão no meio de muitas outras. Todos também deviam sentir aquele vazio, aquele terrível vazio de estar vivendo um pesadelo. Tudo fica irreal e inconcebível. São pensamentos bem amargos; alguns, se melhor examinados, talvez não tivessem razão de ser, mas parecia-me tudo desculpável. Eu estava vendo, como milhares de pracinhas, o mundo através de uma trincheira. E uma trincheira tem mais de amargo do que de heróico. (...) A guerra nada tem de heroico. É triste, e a trincheira é um dos piores lugares da terra.”

(Joaquim Xavier da Silveira, ex-combatente)

“Atravessar um terreno supostamente minado é o mesmo que atravessá-lo minado: um calafrio percorre a espinha, e um suor, mais frio do que os outros, escorre pela testa; a garganta se resseca e vem um gosto amargo na boca. A tudo isso chamávamos de ‘paúra’.”

(Vicente Pedroso da Cruz, ex-combatente)

“Quando em ação na linha da frente, lembro-me de ter tomado no máximo oito ou nove banhos de setembro de 1944 até março de 1945, banhos em rio, no capacete ou em bacia de rosto dos italianos (...). Aliás, a falta de limpeza torna-se hábito, e a sujeira, depois de um certo tempo, parece não sujar mais.”

(Tenente Campelo de Souza, ex-combatente)

“A pior coisa da guerra é ‘eu não te conheço, você não me fez mal, e eu tenho que te matar, senão você me mata’. Pra falar a verdade, eu sentia dó dos prisioneiros. Quando o cara era prisioneiro, para mim ele deixava de ser inimigo.”

(Attilio Camperoni, ex-combatente)

“Quando você ficava muito tempo na trincheira, se tirasse a luva, os dedos gelavam e endureciam, então você precisava ficar esfregando as mãos para poder enfiar o dedo no gatilho.” (Santos Torres, ex-combatente)

(MAXIMIANO, César Campiani. *Barbudos, sujos e fatigados*. Disponível em: <https://goo.gl/G2gJjZ> Acesso em: 27 março 2018.

Confira mais em:

Pracinha Francisco Pértile narra sua experiência na Segunda Guerra Mundial



25) Um dos ex-combatentes afirma que a trincheira era o pior lugar da Terra. O que eram as trincheiras?

26) De acordo com um dos depoimentos, qual era a pior coisa da guerra?

27) Ao descrever a sensação de estar caminhando num possível campo minado, um dos ex-combatentes utiliza a palavra paúra, que poderia ser substituída por:

- a) covardia;
- b) empolgação;
- c) silêncio;
- d) dúvida;
- e) medo.

O médico Josef Mengele: anjo da morte

O médico Josef Mengele torturou e matou milhares de pessoas em nome da ciência nazista.

Josef Mengele nasceu em Günzburg, na Alemanha, em 1911. Estudou medicina e filosofia na Universidade de Munique. Na Segunda Guerra, em 1942, foi condecorado por bravura militar. No ano seguinte, foi para o campo de concentração de Auschwitz como coronel-médico da SS (a tropa de elite nazista). Mandou então executar 400 mil prisioneiros, entre judeus, ciganos, gays e deficientes físicos. Os poupados da morte imediata eram enviados para o “zoológico”, os barracões onde ficavam as cobaias humanas de seus experimentos. Entre eles, havia principalmente irmãos gêmeos, anões e portadores de deficiências físicas. O “anjo da morte”, como foi apelidado, dissecava anões vivos a fim de provar serem fruto da excessiva miscigenação de raças, amputava pernas e braços de crianças para tentar sem sucesso regenerá-los, e jogava prisioneiros em água fervente para ver o quanto suportavam.

Como foi possível tanta maldade? Uma resposta pode estar em seus anos de formação. Na faculdade, Mengele se enamorou da genética e conheceu o doutor Ernst Rudin, para quem os médicos tinham o dever de eliminar “criaturas indesejáveis”, como deformados, homossexuais e judeus. Depois, aprofundou estudos e preconceitos no Instituto de Hereditariedade, Biologia e Pureza Racial do Terceiro Reich, em Frankfurt. Em 1943, Mengele viu em Auschwitz a chance de subir na carreira científica. Não faltavam cobaias. O surpreendente é que invejava os judeus: “Existem dois povos superiores no mundo: os arianos e os judeus. Só existe lugar para um deles”, dizia. Nesse caso, a inveja literalmente matou.

Fugiu de Auschwitz em 17 de janeiro de 1945, pouco antes de as tropas soviéticas chegarem ali. Escondeu-se na Alemanha até 1949, quando veio para a Argentina, na época um porto seguro para os nazistas. Viveu no Brasil de 1970 até sua morte, em 1979, em sítios nos arredores de São Paulo (Caieiras e perto da represa Billings). Não tinha conta em banco e era sustentado por uma rede de antigos nazistas. Passava os dias cuidando do jardim e ouvindo obras de Wagner e Mozart. Tinha uma carteira de identidade falsa, com o nome de um amigo, o austríaco Wolfgang Gerhardt. Mas aqui era conhecido apenas como “seu Pedro”.

Grandes momentos

- *Era fascinado por gêmeos. Injetava o sangue de um em outro, de tipo sanguíneo diferente, para ver a reação. Jogava corante em seus olhos, provocando infecções ou cegueira. Muitos foram castrados ou esterilizados. Dos 3 mil gêmeos que entraram em Auschwitz, só 183 sobreviveram.*
- *Morreu afogado em Bertioga, litoral paulista. Em 1985, sua ossada foi descoberta e, em 1992, um exame de DNA feito na Inglaterra, cruzado com o de seu filho Rolf, comprovou: a ossada era de Mengele.*
- *Suas pesquisas não contribuíram em nada com a ciência.*

(OPPERMANN, Álvaro. *O médico Josef Mengele: anjo da morte*. Super Interessante, 2006. Disponível em: <https://goo.gl/dnqaPk>. Acesso em: 28 março 2018.)

Confira mais em:

O Anjo da Morte no Brasil [Reportagem Fantástico]



28) Por que o médico Josef Mengele ficou conhecido como anjo da morte?

29) Qual era a base ideológica ou pseudocientíficos experimentos feitos pelos médicos nazistas?

30) Dentre as principais vítimas dos experimentos feitos por Mengele estavam:

- nazistas, anões e homossexuais;
- judeus, homossexuais e eslavos;
- arianos, portadores de deficiência física e judeus;
- anões, gêmeos e portadores de deficiência física;
- ciganos, judeus e arianos.

Infoteste 4:

Japão recorda o bombardeio atômico de Hiroshima

Bomba 'Little Boy' provocou 140 mil mortos. 50 mil fizeram minuto de silêncio no momento exato da explosão da bomba.



(Japoneses rezam em frente a monumento pelas vítimas da bomba atômica em 1945, no Parque Memorial pela Paz, em Hiroshima [Foto: Kyodo/via Reuters])

Os japoneses relembrou neste sábado (6) o primeiro bombardeio atômico da história, lançado há 71 anos contra Hiroshima, cidade do sul do arquipélago, visitada pela primeira vez neste ano por um presidente dos Estados Unidos.

Em 6 de agosto de 1945, às 8h15 locais, um bombardeiro B-29 americano batizado "Enola Gay" lançava em cima dessa cidade a bomba atômica "Little Boy".

Três dias depois, outra bom atômica, "Fat Man", devastou Nagasaki, o que levou à rendição japonesa, em 15 de agosto, e ao final da Segunda Guerra Mundial.

Com uma potência equivalente a cerca de 16 quilotoneladas de TNT, a bomba de Hiroshima causou uma deflagração que subiu a temperatura no solo a 4.000 graus. "Little Boy" provocou, naquele mesmo dia e nas semanas seguintes, 140 mil mortes.

Neste sábado, cerca de 50 mil japoneses, entre eles o primeiro-ministro Shinzo Abe e representantes de dezenas de países, fizeram um minuto de silêncio no momento exato da explosão da bomba sobre Hiroshima.

Durante a cerimônia oficial, o prefeito da cidade bombardeada, Kazumi Matsui, recordou a visita do presidente americano, Barack Obama, em maio passado e seu histórico discurso.

Esta visita "é a prova de que o presidente Obama compartilha o profundo desejo de Hiroshima de não tolerar o 'mal absoluto", estimou Matsui, que apelou o mundo a adotar medidas para proibir a bomba atômica, "a forma máxima da desumanidade".

Daquele momento, ficou a forte imagem de Barack Obama apertando a mão de um sobrevivente e dando um abraço em outro.

Na ocasião, Obama, que foi "para render homenagem aos mortos", defendeu um "mundo sem armas nucleares".

'Grande esperança'

Hiroshima e Nagasaki são um símbolo que o mundo deve recordar sempre, consideram os japoneses.

Em 25 de julho passado, cerca de 500 alunos japoneses participaram de um ato no Parque do Monumento à Paz de Hiroshima, onde está depositado um número simbólico de mil grous japoneses brancos de origami na estátua Sadako Sasaki, a menina de 13 anos que representa a todas crianças mortas pela bomba atômica.

O primeiro-ministro japonês, depois de depositar uma coroa de flores, reiterou neste sábado que Tóquio vai continuar a trabalhar por um mundo sem armas nucleares.

Confira mais em:

Bombardeios de Hiroshima e Nagasaki



“Eu estou convencido de que [a visita de Obama] trouxe uma grande esperança para o Japão, o mundo e [especialmente] Hiroshima e Nagasaki”, disse Abe.

Muitos japoneses consideram a destruição dessas duas cidades como crimes de guerra, uma vez que os alvos foram civis e sua capacidade de devastação sem precedentes.

Enquanto isso, muitos americanos acreditam que estes bombardeios, que precipitaram o fim da guerra entre os Estados Unidos e o Japão, impediu a perda de mais vidas.

Desde que Obama visitou Hiroshima, o parque e o museu memorial registraram um aumento no número de visitantes.

No entanto, uma associação de sobreviventes da bomba atômica criticou seu discurso de maio, considerando que faltou uma menção explícita da responsabilidade americana no bombardeio.

(PRESSE, Da France. Japão recorda o bombardeio atômico de Hiroshima. G1, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/AHt3h3>
Acesso em: 29 março 2018.)

31) Por que os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki são considerados crimes de guerra para muitos japoneses?

32) Em 2016, pela primeira vez um presidente dos Estados Unidos visitou a cidade de Hiroshima. Em seu discurso histórico, Barack Obama homenageou os mortos no bombardeio e defendeu um mundo sem armas nucleares. Ainda assim, seu discurso foi criticado por uma associação de sobreviventes do bombardeio atômico. Por quê?

33) Qual foi a consequência direta dos bombardeios atômicos com relação ao andamento da Segunda Guerra Mundial?

- a) O bombardeio gerou um sentimento de revanche por parte dos japoneses que, em seguida, realizaram o ataque a Pearl Harbour, uma base naval estadunidense no Havaí;
- b) O bombardeio provocou a entrada efetiva do Japão na guerra, já que, até aquele momento, ele só havia participado da guerra indiretamente, apoiando os países do Eixo;
- c) O lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki geraram uma imediata corrida armamentista, que resultou na primeira guerra atômica da história, também conhecida como Guerra Fria;
- d) As bombas atômicas levaram milhares de civis à morte, o que gerou uma repercussão negativa imediata, forçando os EUA a se renderem e se desculparem diante do mundo inteiro;
- e) Os estragos provocados pelo bombardeio forçaram a rendição do Japão e, conseqüentemente, o fim da guerra.

Infoteste 5:

Capitão América: o ideal capitalista na Segunda Guerra Mundial

Os quadrinhos como mecanismo de persuasão sempre foram bem simples. Quando o leitor gosta de um personagem, com o tempo passa a “imitar” parte de seu comportamento e a acreditar em boa parte de seu discurso. Em sete de dezembro de 1941 ocorreu o ataque japonês a Pearl Harbour, base militar norte-americana localizada no Havaí. Após esse ataque, os Estados Unidos entraram oficialmente na Segunda Guerra Mundial. E, nos EUA, era necessário inspirar na população o nacionalismo para aumentar a certeza da vitória na guerra.

Confira mais em:

Capitão América completa 75 anos de sucesso





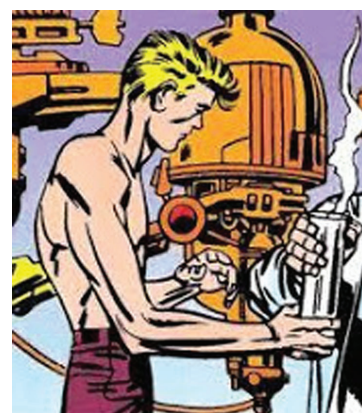
Foi então que ideias antinazistas foram lançadas nas histórias em quadrinhos, pois assim teriam grandes chances de serem assimiladas pelo público. Quando foram lançados os primeiros gibis mostrando o Capitão América e outros super-heróis lutando contra o Eixo, uma boa parte da população norte-americana ainda defendia a ideia de que os Estados Unidos deveriam ficar afastados do conflito.

Capitão América

O primeiro gubi do Capitão América (Criado pela dupla de desenhistas Jack Kirby e Joe Simon) foi publicado em março de 1941 (meses antes do ataque). O Capitão América não foi o primeiro super-herói dos gibis norte-americanos, mas foi o primeiro herói declaradamente inimigo dos nazistas e de tudo que possa ameaçar a democracia americana. Eram comuns gibis as capas de HQs com os heróis socando ou ridicularizando os ditadores do Eixo: Hitler e seus aliados, Mussolini, ditador italiano, Tojo, primeiro-ministro japonês na época do ataque a Pearl Harbor, e o então imperador japonês Hiroito.



O herói, que atende pela alcunha de “sentinela da liberdade” é patriota, corajoso, honesto, inteligente e um líder nato. Um espelho perfeito de todas as virtudes defendidas pelos orgulhosos cidadãos americanos. Vale lembrar que Steve Rogers, seu alter-ego, era apenas um soldado magro e patético. Querendo fazer diferença a qualquer custo, participa de uma experiência na qual se torna extremamente ágil, resistente e forte, ou seja, tudo o que um supersoldado deveria ser.



Capitão América tinha como seu principal inimigo o Caveira Vermelha (um super-vilão nazista). No entanto, na aparência, o Capitão América era muito mais parecido com o ideal de “raça pura” dos nazistas do que o Caveira Vermelha: o Capitão era alto, forte, tinha olhos azuis e, por debaixo da máscara, os seus cabelos eram loiros, ou seja, o padrão de beleza nórdica que Hitler tanto admirava.

Na vida real, os nazistas jamais teriam como símbolo um soldado que usasse uma máscara em forma de caveira, até porque em suas peças de propaganda, os nazistas gostavam de retratar a si mesmos como belos e simpáticos, enquanto que os judeus eram retratados com aparência monstruosa.

Com o final da Segunda Guerra o Capitão foi perdendo a popularidade e suas histórias já não vendiam tantos quadrinhos. No fim das contas ele acabou sendo deixado de lado. Mas logo voltaria, pois Guerra Fria dividiria o planeta em dois lados: o capitalismo do ocidente e o comunismo do oriente (proposto principalmente pela União Soviética).

Roteiristas e desenhistas judeus

O que teria levado os criadores desses quadrinhos a assumirem em suas publicações uma postura antinazista?

Boa parte dos criadores dos quadrinhos tinha razões pessoais para fazer propaganda contra o nazismo: a maioria deles era de judeus, as principais vítimas do ódio dos nazistas. Muitos desses roteiristas e desenhistas eram filhos ou netos de imigrantes judeus pobres que, para fugir de perseguições na Europa, resolveram migrar para os Estados Unidos. Eles estavam preocupados com a situação dos familiares que viviam na Europa. Entre os roteiristas e desenhistas judeus estavam: Jerry Siegel e Joe Shuster, criadores do Super-Homem, Bob Kane, o criador de Batman, Jack Kirby e Joe Simon, criadores do Capitão América, e Will Eisner, o criador do detetive mascarado Spirit.



Discriminação racial

Para fugir da discriminação que os judeus também enfrentavam nos Estados Unidos, alguns desses criadores mudaram seus nomes ou adotaram pseudônimos que escondiam sua origem judaica, dentre eles, Bob Kane, cujo nome verdadeiro era Robert Kahn, e Jack Kirby, cujo nome verdadeiro era Jacob Kurtzberg.

(GANGORRA, Alexandre. Capitão América: o ideal capitalista na Segunda Guerra Mundial. O Espaço da Geografia, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/7UBO8d>> Acesso em: 29 março 2018.)

34) Qual foi, segundo o autor, o objetivo da criação do Capitão América e da divulgação de histórias em quadrinhos onde ele e outros super-heróis lutavam contra o Eixo?

35) Qual a contradição apontada pelo autor com relação à aparência do Capitão América e do seu principal inimigo, o Caveira Vermelha?

36) As capas das edições da revista estadunidense “Capitão América” demonstram sua associação com a participação dos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, na luta contra:

- a) a Tríplice Aliança;
- b) os regimes totalitários;
- c) o poder soviético;
- d) o movimento comunista;
- e) o terrorismo internacional.

Pesquisando

Pesquise e escreva um resumo sobre a história de um dos sobreviventes do Holocausto.

Resumindo

- Em 1936, os governos fascistas da Itália e da Alemanha haviam formado o Eixo que, poucos anos depois, recebeu o apoio do Japão. Tratava-se de uma aliança expansionista e anticomunista;
- Apesar da ameaça representada pelo Eixo e do constante descumprimento do Tratado de Versalhes pela Alemanha, a Inglaterra e a França evitaram ao máximo um conflito armado, através da política de apaziguamento;
- O fato que serviu de estopim para a Segunda Guerra foi a invasão da Polônia pelas tropas nazistas, em 1939;
- Os primeiros anos da guerra foram marcados pela rápida ofensiva do Eixo, sobretudo da Alemanha, por meio da guerra relâmpago (*blitzkrieg*);
- O ataque japonês à base naval dos EUA (Pearl Harbour) e a invasão nazista sobre a URSS forçaram a entrada desses dois países na guerra, o que mudaria os rumos do conflito;
- Em 1941, ocorreu a Batalha de Stalingrado, considerada a primeira grande derrota nazista. Para vencê-la, os soviéticos utilizaram a tática da terra arrasada;
- Aos poucos os países aliados foram libertando os territórios controlados pelo Eixo. A Itália foi a primeira a se render, seguida da Alemanha. O Japão apenas se rendeu após o bombardeio atômico sobre Hiroshima e Nagasaki;
- O Brasil, sob o governo de Getúlio Vargas, também participou diretamente da guerra, através do envio de tropas da FEB, que lutaram a favor dos aliados;
- Ao final da guerra, a Alemanha perdeu sua autonomia, sendo o seu território dividido entre os países vencedores;
- Em 1945 foi realizada a Conferência de Yalta que resultou na criação da ONU e na divisão do mundo em duas áreas de influência, uma controlada pelos EUA (capitalista) e a outra controlada pela URSS (socialista).